

Cristianismo Político: A influência do cristianismo protestante na política externa dos Estados Unidos no governo Trump a partir de análise de discurso.

Political Christianity: The influence of Protestant Christianity on US foreign policy under the Trump administration from discourse analysis.

Cristianismo político: la influencia del cristianismo protestante en la política exterior de los Estados Unidos bajo la administración Trump a partir del análisis del discurso

Gleydson de São José*

Pedro Henrique de Lima**

Ronald Henrique Soares de Lima***

Resumo

O percurso político e histórico dos Estados Unidos da América é forjado por uma série de construções culturais, entre elas a influência do protestantismo inglês da colonização, o destino manifesto e a forte preponderância religiosa na sua estrutura social. Diante disso apresenta-se a formação individual do chefe de Estado e o modo de interferência no cená-

rio político, como importante pauta nos processos de tomada de decisão. Ao perceber tal contexto será possível identificar a sugestiva influência da moral cristã e dos valores religiosos na política externa de Trump na conjuntura internacional, através de uma análise de discurso.

Palavras-chave: Política Externa. Cultura. Religião. Protestantismo. Discurso. Donald Trump.

* Graduado em Relações Internacionais pela Centro Universitário de Belo Horizonte – Campus Estoril. Contato: gleydsonsj@gmail.com

** Graduado em Relações Internacionais pela Centro Universitário de Belo Horizonte – Campus Estoril. Contato: pedroadrianolima@gmail.com

*** Graduado em Relações Internacionais pela Centro Universitário de Belo Horizonte – Campus Estoril. Contato: ronaldhenrique02@gmail.com

Abstract

The political and historical trajectory of the United States of America is forged by a series of cultural constructions, among them the influence of the English colonization of Protestantism, the manifest destiny and the strong religious preponderance in its social structure. In view of this, the individual formation of the head of state and the way of interfering in the political scenario are presented, as an important agenda in the decision-making processes. By perceiving this context, it will be possible to identify the suggestive influence of Christian morals and religious values on Trump's foreign policy in the international context, through a discourse analysis.

Keywords: Foreign Policy. Culture. Religion. Protestantism. Speech. Donald Trump.

Resumen

La trayectoria política e histórica de los Estados Unidos de América está configurada por una serie de construcciones culturales, entre ellas la influencia del protestantismo inglés de colonización, el destino manifiesto y la fuerte preponderancia religiosa en su estructura social. Ante esto, se presenta la formación individual del jefe de Estado y la forma de injerencia en el escenario político, como un tema importante en los procesos de toma de decisiones. Al percibir tal contexto, será posible identificar la sugestiva influencia de la moral cristiana y los valores religiosos en la política exterior de Trump en el contexto internacional, a través de un análisis del discurso.

Palabras clave: Política externa. Cultura. Religión. Protestantismo. Discurso. Donald Trump.

Introdução

Como uma das pautas de estudo da Política Externa, mecanismos podem ser tomados para verificar as ações do Estados, a partir de limiares internas e externas, como discursos, posturas, acordos ou tratados. Este trabalho visa analisar as ações do Estado norte americano como palco de norteameritização do tomador de decisão, já que a política do Estado se move, também, a partir das motivações e influências de suas escolhas e o modo como a cultura percebida no indivíduo pode ser e/ou causar definições de pautas políticas. O viés de percepção, as emoções, a complexidade do agente, a opinião pública e o processo de enquadramento de decisões são observados na formulação de uma política externa, tendo como fundo o tomador de decisão. (PAQUIN; MORIN, 2018, p. 71).

Ações políticas do tomador de decisão e a influência da cultura pessoal nos posicionamentos públicos são capazes de explicar ou ao menos expor determinadas pautas políticas levantadas no Sistema Internacional. Além da própria estruturação cultural e influências públicas, a “moral” da população, que agrega a identidade nacional popular e também forma a opinião pública, é levada em consideração para formular e atender as demandas dos diversos setores políticos. “O fato é que os tomadores de decisão públicos são bombardeados pelos resultados das pesquisas que são apresentados como refletindo a opinião pública” (PAQUIN; MORIN, 2018, p.

168, tradução nossa)⁴ e isso afeta o processo de tomada de decisão político. Entendendo que, no caso americano, “sublinha-se o papel especial da fé, dos valores morais e, ocasionalmente, de mitos ‘fundacionais’ protestantes na formação de uma identidade nacional tipicamente norte-americana” (FONSECA, 2007 apud MAGNOTTA, 2013, p. 14).

A organização da estrutura política norte americana é o que vai forjar todo o panorama interno, que precisa ser verificado, como influenciador da ação do tomador de decisão. Esta estrutura, no caso americano, tem um importante pilar na cultura cristã e uma possível moralidade religiosa. Corresponderia ao processo histórico de chegada dos primeiros colonizadores “chegados ao território” vindos da Europa, como protestantes recém-criados, após as reformas religiosas. Depois, com o advento de novas crenças ou mesmo com missões religiosas de outras denominações, como os próprios católicos⁵. A influência na construção do estado americano dos vieses culturais religiosos é pautada pela ação das bancadas e da própria participação dos representantes políticos nas diversas profissões religiosas.

O presidente Trump enquanto tomador de decisão, para a política externa, pode ser analisado pela formação do agente político, que passa pela agenda cultural e suas ingerências morais (SILVA; PERES, 2013, p. 36). Deste modo, questionamos, como base para este trabalho: A partir de uma análise de discurso é possível identificar a influência do cristianismo protestante na política externa dos Estados Unidos no governo Trump?

Tentando compreender tal questionamento, fazem-se necessários esclarecer os objetivos que pretendemos. No primeiro tópico, verificar a formação do povo americano e da estrutura política, brevemente, enquanto influenciada pelo cristianismo e a moral religiosa, amparada pela chegada dos protestantes ingleses. Depois, a partir

4. [...] the fact remains that public decision-makers are bombarded by poll results that are presented as reflecting public opinion.

5. Ver: FONSECA, C. D. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. CONTEXTO INTERNACIONAL, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, janeiro/junho 2007. 149-185.

MAGNOTTA, F. P. Porque as ideias importam: a crença no excepcionalismo americano como guia. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). ed. São Paulo: UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2013. 100 f. p.

SILVA, I. C. D.; PERES, L. D. A. Religiosidade e Decisão Política: Problemas nas áreas de Política Externa e Gestão da Guerra. Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan-jul 2013. 34 - 94.

dos apontamentos de análise de Política Externa e dos norteamentos de alguns caracteres culturais do Estados Unidos, encontrar na análise de trechos de um discurso as agendas marcadas pela influência do cristianismo, enquanto tomada de decisão. A partir do segundo tópico, analisar a tomada de decisão, entendendo as agendas de temas que são cultivadas pelo eleitorado e pelo corpo burocrático religioso, tornando possível visualizar a relação de influência e a base do próprio presidente, enquanto influenciado pela agenda política cristã protestante. A partir de Morin e Paquin (2018), por exemplo, será possível compreender algumas pontuações dos discursos que permeiam a agenda da Política Externa dos Estados Unidos.

História, contexto, análise e cultura

Os primeiros cristãos a se estabelecerem nos Estados Unidos foram os puritanos vindos da Europa.

Segundo Webb (2004, p. 32), “os puritanos que deram forma à história norte-americana herdaram um tipo específico de teologia protestante”, que via, no momento em que a Reforma incendiava a Europa, “a revelação ao mundo de um novo continente, escondido durante séculos dos olhares europeus”. Esses puritanos viram nessa descoberta uma obra de Deus e na nova terra a derradeira oportunidade de promover uma purificação da igreja (FONSECA, 2007, p. 157).

Há uma evolução da presença protestante desde o fator da “conquista” do território americano e como isso perpassa os anos, pela cultura. A bíblia e a religião ganharam importância no entendimento e na leitura da história dos EUA. E desse fundo, portanto, surge a ideia de que a América, por ser uma nação escolhida, tem o dever de ser modelo para os outros. “Neste sentido, a descoberta do território americano ‘apenas [teria] intensificado a nostalgia relacionada à Era de Ouro e ao Paraíso Perdido’” (MAGNOTTA, 2013, p. 10).

Atualmente os protestantes são o maior grupo religioso dos Estados Unidos, todas as denominações fragmentadas da doutrina protestante combinadas impactam na política e economia americana⁶. No Estudo da Paisagem Religiosa (Religious Landscape Study - RLS), do Pew Research Center - 2020 (RELIGIOUS LANDSCAPE STUDY,

6. Verificar a influência da concepção, a partir de uma discussão weberiana, da relação dos interesses materiais como guia da ação econômica, o trabalho racionalizado e o aumento da produção, que são formas encontradas pelo fiel do Protestantismo para garantir a salvação da alma (BALBINO, 2010, p. 24).

2020), onde mais de 35.000 americanos, de todos os 50 estados, foram questionados quanto suas afiliações, crenças e práticas religiosas, e visões sociais e políticas, os resultados, de modo reduzido demonstraram que 70,6% deste número corresponde a Cristãos, onde o recorte de 47,7% representam protestantes, das diversas vertentes.

Segundo Rodrigues (2011, p. 12), a religião atualmente no mundo inteiro exerce uma influência nos planos internacionais através de movimentos transnacionais e de conflitos étnico-nacionais, formatação de identidades e legitimação política que ao provocar um ressurgimento do sagrado redefine uma estrutura social. Nos Estados Unidos há um movimento chamado Direita Cristã, que também pode ser chamado de Bloco Evangélico, que começou a se firmar politicamente no país na década de 70 e que ainda de acordo com Rodrigues L.

Neste período, os conservadores religiosos conduziam sua política a portas fechadas na Casa Branca, no Congresso, nas Nações Unidas e no Partido Republicano. (...) A direita cristã é um subgrupo da direita religiosa, um movimento que congrega evangélicos conservadores, fundamentalistas protestantes, ou católicos de direita que, dentro do Partido Republicano, tentam usar persuasão religiosa para determinar atitudes políticas. Eles chegam a influenciar o Partido Democrata, mas não encontram aderência nos valores sociais, morais, políticos e econômico-fiscais defendidos pelo conjunto dos democratas (2011, p. 89).

O movimento abriga ativistas opositores fervorosos em temas como aborto, pesquisa com células-tronco, casamento homoafetivo, dentre outros. A Direita Cristã estadunidense também é conhecida por fazer alianças com grupos ou movimentos que possam alinhar pautas específicas e fazer avançar sua agenda, como movimentos estudantis, judeus e católicos. Cada dia mais forte e influente politicamente e com mais poder capital, ela atua no levantamento e financiamento de campanhas partidárias de candidatos que compartilham de suas ideias, criando assim uma teia de pensamentos articulados. Segundo Andrew Chesnut⁷, em entrevista à BBC, 61% dos pastores evangélicos dos Estados manifestaram apoio a Trump, por sua proximidade com os grupos, e que os evangélicos são uma das principais bases eleitores de Trump (PASSARINHO, 2019). Mostra-se, atualmente, como um dos principais alicerces da nova

7. Um estudioso do movimento pentecostal e professor de Estudos Religiosos na Virginia Commonwealth University.

direita americana, dialogando com neoconservadores⁸, neoliberais⁹ e outros que compartilham os mesmos pensamentos.

Os evangélicos deram uma grande contribuição na Guerra da Independência, tanto no aspecto prático quanto ideológico. No entanto, após a Revolução, as igrejas estavam claramente desorganizadas e o papel do cristianismo na nova cultura nacional não estava de modo algum garantido. A filiação formal às igrejas estava em declínio, tendo chegado ao seu ponto mais baixo na década de 1790 (de 5 a 10% da população adulta). Reagindo contra essa situação, as igrejas superaram a confusão reinante e empreenderam vigorosas campanhas para evangelizar o povo e cristianizar a cultura. Juntos, os representantes das igrejas coloniais e os dinâmicos líderes das novas denominações formaram uma frente protestante que dominou a percepção pública da religião nos Estados Unidos. O “império evangélico” esteve na vanguarda até que o pluralismo cristão e a diversidade cultural introduziram uma nova realidade (NOLL, 1992).

Um outro marco de ação é o grupo de estudos bíblicos chamado “Capitol Ministries” com objetivo de aconselhar e convencer representantes e figuras estatais na política a estudar a bíblia defendendo a ideia de que a fé pode realizar o impossível. Integrantes do gabinete presidencial americano se reúnem semanalmente para estudar a bíblia cristã. Segundo o pastor Ralph Rollinger fundador do grupo, ele se comunica com o presidente Donald Trump frequentemente através de cartas, que alega que todos os indicados em seu governo têm algo em comum, todos possuem muita fé em Cristo (AMOS, 2018). Trump defende a ideia de que para resolver todos os problemas e grandes desafios a fé é mais importante que o governo, e nada é mais poderoso do que Deus (DIP; VIANA, 2019).

Em seus discursos em prol da presidência, pontuava críticas aos temas como refugiados, imigrantes mexicanos e um enrijecimento sobre o conflito Israel-Palestina, diretamente apontando apoio ao governo de Israel na sua fala na AIPAC – Comitê Americano de Relações Públicas de Israel¹⁰ (TRUMP, 2016), onde sua

8. Entenda-se o termo, para este trabalho, como “um movimento de direita norte-americano, cujo princípio consiste na demanda pelo uso do poder econômico e militar dos EUA em função de sua defesa e expansão da democracia no mundo.” (ORTUNES, 2013, p. 85)

9. Entenda-se tal termo para este trabalho como uma nova fase de fluxos capitais, a partir do começo dos anos 1980. Ver: DUMENIL, Gérard; LEVY, Dominique. Neoliberalismo: neo-imperialismo. Econ. soc., Campinas, v. 16, n. 1, p. 1-19, abr. 2007.

10. American Israel Public Affairs Committee.

narrativa realçava uma aproximação política entre Israel e Estados Unidos, se concretizaria em caso da sua posse como presidente, o que de fato ocorreu nos anos seguintes da sua gestão. O que é um fator interessante de pontuar, visto que Israel tradicionalmente é parceiro dos governos americanos.

Sendo assim, Trump antes mesmo de assumir o Estado americano, ao tratar de políticas externas, já apresentava características tradicionalistas¹¹ em sua narrativa sobre temáticas do âmbito internacional. Em sua trajetória pessoal e política, Donald Trump demonstrou um alinhamento direcionado a práticas e preceitos de cunho religioso, em especial cristão. Por influência de sua família, especialmente por sua mãe que o incentivava a frequentar e seguir os ensinamentos religiosos, em seu bairro de nascença, Queens (FRAZÃO, 2019).

Em uma entrevista ao jornal local estadunidense, Trump declarou sua religião, se auto afirmando como cristão protestante, demonstrando seu cunho religioso, mesmo sendo criticado por seus empreendimentos milionários, como cassinos. O Jornal O Globo menciona uma entrevista de Trump a uma TV Cristã, em 2011, em que ele cita sua religião cristã, como presbiteriano, suas relações com o cristianismo e a importância dada a sua fé.” (CAVIGLIA, 2017).

Trump tem uma relação próxima com a pastora evangelista Paula White. Ela se tornou sua conselheira espiritual há 14 anos, quando ele a procurou depois de ver seus sermões na televisão. O relacionamento se estreitou ao longo do tempo, após um primeiro encontro na Trump Tower. E aprofundou-se num momento em que Trump queria mergulhar mais profundamente nos ensinamentos da Bíblia. White chegou a pegar voos privados para encontrá-lo na Atlantic City, um dos berços de sua enorme riqueza gerada pelos cassinos, para dar sessões personalizadas (CAVIGLIA, 2017).

De modo a fortalecer a ideologia apresentada no período eleitoral, com forte apoio protestante na caminhada presidencial que evidencia com clareza a iniciativa do líder estadunidense de assegurar um conservadorismo, fundamentado pela religião. Esta é uma estratégia que visa de certo modo, manter um maior número de apoiadores no cenário doméstico, além de uma justificativa para que as decisões políticas externas sejam feitas com um viés subjetivo, como por exemplo as constantes intervenções feitas em países muçulmanos.

11. Neste caso, o termo se toma de significado muito similar ao utilizado em neoconservadores.

Temas como aborto e união homoafetiva estão constantemente em pautas de discussão partidária, a grande maioria representada pelo partido republicano, apoiada pelas decisões de Trump. (MELO, 2018). Sua escolha de manter tal apoio eleitoral se mantém como base de Governo e estratégia política.

Discurso e análise

A história permitiu verificar os processos de transição e de relações dos poderes com a história civil, assim como de influências geográficas, culturais, religiosas e étnicas. A construção do Estado, enquanto tal, independentemente de sua forma de governo ou sistema político possui uma série de aparatos que o fazem tomar determinadas conclusões ou ações em contrapartida a outros atores. Os Estados Unidos não se fizeram de forma diferentes, mas trouxe com sua formação histórica todo o aparato dos povos originais e a influência certa dos migrantes que chegaram no período de colonização e assentaram poderio na estrutura social existente.

“Ao contrário das demais democracias ocidentais, os Estados Unidos da América foram fundados essencialmente com base numa ideologia e crença religiosa, que motiva os seus mais variados domínios sociais, quer sejam eles políticos, culturais ou sociológicos.” (CARDOSO, 2016, p. 5). Diante disso a observação do Estado passa a ser do seu ponto interno de formação, das suas perspicácias políticas, da estrutura social vigente, do sistema econômico e do modo de fazer cultural. Tudo cria a base eleitoral, o sistema político, os representantes, os tomadores de decisão e deste modo a política externa do Estado. Os norte-americanos passaram pelo mesmo processo cultural historicamente marcado. Possíveis influências ocidentais vindas da Europa, do cristianismo romano tradicional, mas mais amplamente do protestantismo anglo saxão, muitas vezes puritanos. A origem histórico/social que forma a cultura vai amparar o cenário político, pela ética e pela dita moral fundamental.

Joana Rego (2016) recupera um pequeno trecho dessa trajetória, como fundamental para compressão do percurso histórico e o modo como o tomador de decisão será influenciado e deste modo o seu discurso.

O discurso político americano tem tanta influência sobre outras nações que, segundo Juan Arias, o discurso de ódio à imprensa e aos meios de comunicação em geral, difundidos pelo presidente norte-

-americano, Donald Trump, está contagiando as experiências autoritárias da nova extrema direita mundial, uma mistura de nazismo e fascismo modernos, e que, o conhecimento histórico revela sobre autoritarismos e extremismos, de direita ou de esquerda, um viés que os meios de comunicação, por amor à pátria, devem estar a favor de suas loucuras e fiéis aos seus ditames, sobretudo quando se leva em conta que tais movimentos extremistas costumam estar impregnados de misticismos religiosos e arroubos nacionalistas (ARIAS, 2019).

Ao verificar os argumentos e posições do tomador de decisão, verifica-se juntamente o modo como a organização e estrutura interna se dá. Os corpos representativos são reflexos do próprio povo que o elege. Não se desmembra o corpo político do povo representado. “A representação é dependente tanto da vontade que autoriza o representante a agir em nome de alguém, quanto do julgamento político ou monitoramento do representado para dar vida a esta criação”. (ALMEIDA, 2014, p. 101)

Da forma como se refletem então os poderes representativos, eles carregam as potencialidades internas, modos de ação valorativos, ou seja, amparados por valores morais e culturais, e a realidade política de origem. Inclui-se aí a religião como um importante adereço cultural dos povos, que motiva e orienta o campo de ação interno e individual, mas que esvai ao campo do Estado, por meio dos agentes. Os líderes políticos são compreendidos nessas lacunas de motivação e orientação, no seu caso, individuais ou da própria sociedade majoritária. E essa ação expressada na própria ação do Estado, irá também ao discurso, que se torna a política anunciada e de formalização de ação ou de pretensão de ação da soberania nacional.

Vários analistas de discurso não se limitam às declarações feitas pelos líderes políticos. Como os discursos são culturais, eles são compartilhados por uma comunidade inteira. (...) Alguns analistas refazem os discursos relacionados à política externa que são veiculados na cultura popular trabalhando em romances, histórias em quadrinhos ou livros didáticos, por exemplo (LIPSCHUTZ 2001; HOPF 2002; SJÖSTEDT 2007 apud PAQUIN; MORIN, 2018, p. 292, tradução nossa)¹².

12. Several speech analysts do not limit themselves to declarations made by political leaders. As discourses are cultural, they are shared by an entire community. (...) Some analysts retrace the discourses relating to foreign policy that are conveyed in popular culture by working on novels, comic books or textbooks, for example.

Há então uma realidade informal, antes de se tornar formal a ação política, que é a fala daquele que porta a ação do Estado. O dizer do agente político é importantíssimo para compreender as pretensões do determinado Estado. Há na fala os dizeres explícitos e as colocações implícitas, por metáforas, alegorias ou comparações. A linguagem fará o poder político, como caráter de construção de poder, de expressão, de ampliação e de divulgação para propagar a imagem ou mesmo criar uma imagem. Ou seja, a linguagem, pelo discurso irá motivar, internamente, uma construção de coletividade ou motivação social dos civis, assim como agregar a mobilizações urgentes ao Estado. Irá ampliar ou divulgar a ação pretendida, como dissuasão ou ameaças, para garantir que sejam expressadas as pretensões, sejam com uma capacidade real, sejam com capacidades “ir-reais”, mas que se formam na imagem. (STEPHEN; ZAGARE, 2016).

O discurso está imerso na sua composição literária, gramatical e histórica, ou seja, é preciso verificar a forma como está sendo dito, se formal ou informal, se se dirige a algo ou alguém específico ou se faz a um âmbito mais generalizante, se reitera a posição clara e objetiva ou se faz uso de ferramentas linguísticas que o imergem em um contexto mais amplo e subjetivo. Quando Morin e Paquin (2018) acentuam a metáfora gramatical como pontual para verificar esse momento do discurso, eles querem justamente verificar que os recursos são importantes para ligar a fala a sua realidade e ao seu objetivo.

Para além disso, é necessário que seja possível visualizar os aparatos político imersos da linguagem. Não são palavras ditas a esmo, mas construídas pelo contexto político e cultural e irão representar a capacidade política, ou até mesmo militar e de ataque de um certo Estado. Os Estados Unidos usam deste aparato linguístico em muitos dos seus pronunciamentos, por meio de tomadores de decisão ou representantes, e de modo específico do presidente selecionado neste trabalho.¹³ Cada um dos textos, dizeres ou anúncios carregam a emblemática política interna e/ou externa da corrente política em pauta. “As metáforas estruturam o pensamento com tanta força que podem gerar realidades que seus autores simplesmente querem evocar” (PAQUIN; MORIN, 2018, p. 294, tradução nossa)¹⁴.

13. “Os Estados Unidos, como nação escolhida ou portadora de uma missão concedida pelo Criador, tem demonstrado ser o cerne da retórica de cariz político - para efeitos deste estudo - de intervenção externa, já que os americanos creem ser portadores de um compromisso para a transformação do mundo.” (CARDOSO, 2016, p. 83)

14. Metaphors structure thought with such force that they can generate realities that their authors simply want to evoke.

Um Estado, por exemplo, pode tomar ou não uma realidade de conflito, acordos comerciais ou quebra de acordos, mobilizações civis e revoluções, pelo modo de interpretar ou não as metáforas utilizadas pelo discurso pronunciado. Ele carrega força que se quer demonstrar pelas palavras, pelo teor e pela capacidade de entonação de quem o diz.

Através do tomador ele expõe sua pauta e sua conduta externa, assim como sua posição política no jogo do sistema internacional. Essa posição não é tomada cruamente ou como uma corrente sempre contínua do Estado, para além de governos transitórios ou ideologias presentes, mas reflete e comunica diretamente com quem está à frente e os grupos que alcançaram a ação representativa naquele momento. Nessa construção o indivíduo fundamental para analisar o posicionamento. Como Maria Raquel Freire descreve, as características do indivíduo é nível de análise justamente por perpassar a ação do Estado. Será o indivíduo responsável por carregar o posicionamento político disposto, somente do predisposto que ele será o porta-voz, o tomador de decisão e o espelho de “desejos” do Estado, assim como

(...) o impacto das características pessoais de um líder na política externa aumenta quando a sua autoridade e legitimidade são amplamente aceites pela população ou, em regimes autoritários ou totalitários, quando os líderes são protegidos de amplas críticas públicas (...). A auto-imagem do líder – a crença de uma pessoa na sua capacidade para controlar os acontecimentos de forma política (conhecida como ‘eficácia política’) – também influenciará o grau em que os valores pessoais e as necessidades psicológicas governam o processo de decisão (Freire, 2011 apud CARDOSO, 2016).

Se percebe então que não é simplesmente por ser, mas por haver credibilidade em quem fala. Não se apresenta o mérito democrático ou de representação do líder, mas da capacidade em ser reconhecido

Observa-se que o viés religioso pode ser usado como fator de grande predominância em diferentes debates da sociedade, dentre eles temos a política, a educação, cultura e identidades, entre outras. E o viés chega ao alcance político, pela sociedade e pela estrutura política do próprio Estado. O Congresso, os órgãos de representação, o corpo burocrático e o próprio chefe do poder executivo terão sua pessoalidade específica e o reflexo das bases eleitorais e da formação social do povo. Ou seja, ele carrega a “vontade” das forças sociais e a sua própria conduta política.

Quicá, os discursos políticos, adornados de apelos de caráter religioso, foram grandes pontos de partida para a criação de imagens, de valores, do caráter e das possíveis aspirações dos candidatos presidenciais pela massa eleitoral e pelas oposições partidárias. (CARDOSO, 2016, p. 90)

Com isso, essa análise se baseia na postura do presidente estadunidense Donald Trump a partir de declarações que reforçam sua ligação a religião na tomada de decisão, mesmo que em muitas situações como interesse e estratégia política (MELO, 2018). A análise se dá em partes do próprio discurso presidencial e da sua forma carregada de influências da base cultural de sua formação, de modo propriamente cristão ou por influências. E sobretudo é preciso assinalar que a influência pode não se dar somente por frases ditas ou metáforas criadas, mas também por ações influenciadas por grupos de tais especificações culturais e que ganham força pelo próprio presidente. Até mesmo com a manifestação de forma sutil, como a figura presidencial de ler passagens bíblicas no horário eleitoral, ou de forma evidente, como em declarações quanto a questões do aborto ou outras demais que se sirvam dos valores morais (CARDOSO, 2016, p. 90).

O caso em análise foi um discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em 24 de setembro de 2019, pelo próprio presidente.

O primeiro ponto a ser verificado é o histórico caminho de influência do cristianismo no cenário internacional e a origem judaica, principalmente no que tange aos Estados do Oriente Médio e a causa moral do terrorismo internacional. Mais que combater o “mal” da guerra internacional contemporânea, é carregar o conceito da legitimidade ocidental, da cristandade, que está distante dos povos muçulmanos e orientais. Há uma formação histórica distante, desde as cruzadas e a própria formação dos cristãos primeiros. Aos judeus, cabe a irmandade da origem de Cristo, mas aos outros é necessário a conversão ao verdadeiro Deus.

Um conceito importante é o de jihad, ou seja, o esforço em prol da expansão do islã por todo o mundo. Esse esforço muitas vezes adquiriu a conotação de guerra santa, como aconteceu de maneira especial no primeiro século após a morte de Maomé, em 632. Movidos por um profundo zelo pela nova fé, os exércitos muçulmanos conquistaram sucessivamente a península da Arábia, a Síria, a Palestina, o Império Persa, o Egito e todo o norte da África. Nesse processo, o cristianismo foi enfraquecido ou aniquilado em muitas regiões nas quais havia sido extremamente próspero nos primeiros séculos. (NOLL, 1992).

Não é um processo novo ou de cunho especificamente norte-americano, mas historicamente ocidental e cristão (IDAMIA-NO, 2016), em grande parte, que neste caso “pode representar um exemplo de como a identidade, crença, valores ou ideais de outrem são importantes na política de intervenção internacional.” (CARDOSO, 2016, p. 33). Além do que é propriamente violento e contra a liberdade humana, há a supremacia religiosa que quer barrar o islamismo e recuperar a potência de valores universais.

Uma das maiores ameaças à segurança enfrentadas pelas nações que amam a paz hoje é o regime repressivo no Irã. O registro de morte e destruição do regime é bem conhecido por todos nós. O Irã não é apenas o principal patrocinador estatal do terrorismo no mundo, mas os líderes do Irã estão alimentando as trágicas guerras na Síria e no Iêmen. (...) Os líderes do Irã transformaram uma nação orgulhosa em apenas outra história de advertência sobre o que acontece quando uma classe dominante abandona seu povo e embarca em uma cruzada por poder e riquezas pessoais.

Os fanáticos há muito usam o ódio contra Israel para distrair seus próprios fracassos. Felizmente, existe um crescente reconhecimento no Oriente Médio em geral de que os países da região compartilham interesses comuns na luta contra o extremismo e na liberação de oportunidades econômicas. É por isso que é tão importante ter relações completas e normalizadas entre Israel e seus vizinhos. Somente um relacionamento construído sobre interesses comuns, respeito mútuo e tolerância religiosa pode forjar um futuro melhor (VIRGINIA, 2019, tradução nossa)¹⁵.

O espaçamento religioso é visível e característico como demonstrado. Há a raiz histórica e um conflito religioso histórico que move desde os grupos menores que veem o terrorismo como o mal da “outra religião” até o próprio tomador de decisão que age pelo aparato político e pelas forças econômicas e militares.

15. One of the greatest security threats facing peace-loving nations today is the repressive regime in Iran. The regime's record of death and destruction is well known to us all. Not only is Iran the world's number one state sponsor of terrorism, but Iran's leaders are fueling the tragic wars in both Syria and Yemen.

(...) Iran's leaders will have turned a proud nation into just another cautionary tale of what happens when a ruling class abandons its people and embarks on a crusade for personal power and riches.

Fanatics have long used hatred of Israel to distract from their own failures. Thankfully, there is a growing recognition in the wider Middle East that the countries of the region share common interests in battling extremism and unleashing economic opportunity. That is why it is so important to have full, normalized relations between Israel and its neighbors. Only a relationship built on common interests, mutual respect, and religious tolerance can forge a better future.

Em segundo momento, o presidente cita a realidade Israelense, uma pauta crucial dos EUA. Das poucas continuidades políticas, para além das transições de governos, Israel tem apoio norte-americano contra os palestinos em todos os contextos e discussões internacionais. A vivência histórica é longa e característica, mas advém sobretudo dos confrontos entre cristãos e islâmicos nas cruzadas, que duraram cerca de duzentos anos (1096-1291). Além dos próprios conflitos na Espanha contra os muçulmanos, com a extinção do Califado de Córdoba (NOLL, 1992). Todo o percurso se desdobra de uma aversão civil aos povos islâmicos, principalmente pela falta de acesso dos peregrinos cristãos aos lugares sagrados do cristianismo na Palestina. Havia motivos para libertar os locais sagrados dos cristãos. Os respingos chegam à (NOLL, 1992) criação do Estado de Israel, em 1948. Primeiro, o Cristo é originalmente judeu, há uma terra por direito aos judeus, pais na fé e depois aos cristãos. Logicamente, estes fatores somados as preponderâncias econômicas do petróleo nas nações árabes e os conflitos religiosos internos. Urge uma via de mão dupla como danosa para a fé e os valores tradicionais, seja dos muçulmanos para os cristãos, como dos cristãos para os muçulmanos.

Depois pela própria herança do judaísmo nos Estados Unidos que segundo o último censo, conta com cerca de 6,4 milhões de judeus vivendo nos Estados Unidos (a maior população judaica fora de Israel), constituindo cerca de 2,2% das religiões e/ou crenças autodeclaradas (U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE, 2010). Para além disso a influência econômica e as forças de pressão criadas internamente.

Em outro momento, o assunto corrente do contexto político e da pauta norte-americana se volta desde as sombras da Guerra Fria, contra o comunismo:

Um dos desafios mais sérios que nossos países enfrentam é o fantasma do socialismo. É o destruidor de nações e destruidor de sociedades.

Os eventos na Venezuela nos lembram a todos que o socialismo e o comunismo não se tratam de justiça, não se tratam de igualdade, não se trata de elevar os pobres e certamente não se tratam do bem da nação. Socialismo e comunismo são apenas uma coisa: poder para a classe dominante.

Hoje, repito uma mensagem para o mundo que entreguei em casa: a América nunca será um país socialista.

No século passado, o socialismo e o comunismo mataram 100 milhões de pessoas. Infelizmente, como vemos na Venezuela, o número de mortos continua neste país. Essas ideologias totalitárias,

combinadas com a tecnologia moderna, têm o poder de consumir [exercitar] formas novas e perturbadoras de supressão e dominação. (...) Um pequeno número de plataformas de mídia social está adquirindo imenso poder sobre o que podemos ver e sobre o que podemos dizer. Uma classe política permanente é abertamente desdenhosa, desdém e desafia a vontade do povo. Uma burocracia sem rosto opera em segredo e enfraquece o domínio democrático. A mídia e as instituições acadêmicas impõem agressões diretas a nossas histórias, tradições e valores (VIRGINIA, 2019, tradução nossa)¹⁶.

Assim como no contexto oriental, o comunismo acirrou uma guerra ao cristianismo. Não há uma necessidade simplesmente de combater contra a não-liberdade comercial, ou assassinatos políticos, ou estatismos, mas uma conduta moral que vai de frente aos valores tradicionais.

Durante meio século, o marxismo foi - sob a forma caricatural do "comunismo ateu" - proscrito como o inimigo mais irredutível e diabólico da fé cristã. A excomunhão papal do pós-guerra foi apenas a sanção canônica deste combate implacável e obsessivo, que criou, na América Latina como no mundo inteiro, um muro de hostilidade entre os fiéis da Igreja e os movimentos políticos de inspiração marxista (LOWY, 1989).

A dita derrubada do sistema que fere a liberdade econômica, que seria ferida pelo comunismo, é baseada inicialmente pelo mal comunista da moral, que chega ao EUA, pela cristandade e vai ao poder político também pelas bases e influências religiosas. Há uma conceitualização do diabolismo comunista que infecta o mundo, de excessos sem justiça, uma ideologia soviética que não deseja a felicidade de todos, mas de só uma classe e que exclui os outros (ECCLESIA, 2019).

16. One of the most serious challenges our countries face is the specter of socialism. It's the wrecker of nations and destroyer of societies.

Events in Venezuela remind us all that socialism and communism are not about justice, they are not about equality, they are not about lifting up the poor, and they are certainly not about the good of the nation. Socialism and communism are about one thing only: power for the ruling class.

Today, I repeat a message for the world that I have delivered at home: America will never be a socialist country.

In the last century, socialism and communism killed 100 million people. Sadly, as we see in Venezuela, the death toll continues in this country. These totalitarian ideologies, combined with modern technology, have the power to excise [exercise] new and disturbing forms of suppression and domination.

(...) A small number of social media platforms are acquiring immense power over what we can see and over what we are allowed to say. A permanent political class is openly disdainful, dismissive, and defiant of the will of the people. A faceless bureaucracy operates in secret and weakens democratic rule. Media and academic institutions push flat-out assaults on our histories, traditions, and values.

Não é só condenar a Venezuela e a crise democrática, mas demarcar a guerra ao comunismo, que tem forte influência no teor religioso. Poderiam ser considerados, apesar de não ser o foco deste trabalho, o modo como a economia liberal erguerá tal argumento e como os grandes poderes econômicos estão vinculados a raízes religiosas.

Por fim, podemos ainda levantar os valores citados pelo presidente, pela saudação e por uma ética cristã que foi construída historicamente:

Os patriotas vêem uma nação e seu destino de maneiras que ninguém mais pode.

A liberdade é preservada apenas, a soberania é garantida, a democracia é sustentada, a grandeza é realizada apenas pela vontade e devoção dos patriotas. Em seu espírito, encontra-se a força para resistir à opressão, a inspiração para forjar o legado, a boa vontade de buscar amizade e a coragem de buscar a paz. O amor de nossas nações torna o mundo melhor para todas as nações.

(...) Com a ajuda de Deus, juntos expulsaremos os inimigos da liberdade e venceremos os opressores da dignidade. Estabeleceremos novos padrões de vida e alcançaremos novos patamares de conquista humana. Vamos redescobrir velhas verdades, desvendar velhos mistérios e fazer novos e emocionantes avanços. E encontraremos mais amizade bonita e mais harmonia entre as nações do que nunca. Meus colegas líderes, o caminho para a paz e o progresso, a liberdade e a justiça, e um mundo melhor para toda a humanidade, começa em casa.

Obrigado. Deus te abençoe. Deus abençoe as nações do mundo. E Deus abençoe a América (VIRGINIA, 2019, tradução nossa)¹⁷.

São palavras constantes em Trump. Primeiro o Destino Manifesto¹⁸, pelo destino da nação. Não se serve apenas no período

17. Patriots see a nation and its destiny in ways no one else can.

Liberty is only preserved, sovereignty is only secured, democracy is only sustained, greatness is only realized, by the will and devotion of patriots. In their spirit is found the strength to resist oppression, the inspiration to forge legacy, the goodwill to seek friendship, and the bravery to reach for peace. Love of our nations makes the world better for all nations.

(...) With God's help, together we will cast off the enemies of liberty and overcome the oppressors of dignity. We will set new standards of living and reach new heights of human achievement. We will rediscover old truths, unravel old mysteries, and make thrilling new breakthroughs. And we will find more beautiful friendship and more harmony among nations than ever before.

My fellow leaders, the path to peace and progress, and freedom and justice, and a better world for all humanity, begins at home.

18. Ver CARDOSO, J. R. A inscrição religiosa na fundamentação da Política externa dos Estados Unidos da América: Bush, Obama e as Relações Transatlânticas. [S.l.]: Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação). Faculdade de Letras. Universidade do Porto., 2016. 100 f. p.

histórico específico do país, mas se estende como um princípio do povo americano e que constitui a própria formação cultural. As crenças nacionalistas e expansionistas amparadas pela religião e pela ética protestante, serviram de princípio legitimador para a ocupação e anexação de territórios do Oeste dos Estados Unidos durante o século XIX. Há um destaque para o destino apresentado por Deus para o progresso ilimitado e divulgação dos valores próprios do povo, tal como a liberdade, a religião civil e a democracia. A forte religiosidade determinou o florescimento do Destino Manifesto como princípio legitimador. A crença que Deus estava conduzindo expansão da civilização moderna e dos costumes dos Estados Unidos e a tal expansão não era motivada apenas crescimento econômico, mas era a missão divina a ser cumprida na terra pelos estadunidenses (COSTA, 2011).

Tal destino irá determinar essa prosperidade e o poderio dos Estados Unidos diante do mundo. Assim como justificar toda e qualquer ação pelo bem mundial, dos costumes e das tradições. Em seguida, os valores e a própria felicidade do discurso, advindo de uma herança filosófica de ética e compreensão da realidade e da vida (SILVA e TEIXEIRA, 2011).

Está para além de uma leitura minimalista das premissas filosóficas, mas perceber que a virtude, os dogmas e a própria concepção da ética, da moral e da virtude que pertencem ao norte-americano, tem suas origens na formação ética da sociedade ocidental, que é majoritariamente cristã e alimentada pelas doutrinas cristãs. Para tal, filósofos, teólogos e grandes pensadores ocidentais são bases bibliográficas para entender essa evolução intelectual e essa capacidade, mesmo que depois tornada popular, de pensar eticamente. Ou seja, por mais que um indivíduo não saiba onde nasce aquele pensamento, ele pensa a partir do que desenvolveu e recebeu de formação tanto social como intelectual e religiosa.

Por fim, a benção americana. É jargão do presidente, e de tantos outros anteriores, o pedido de bênção, como forte do conceito monoteísta e da intervenção do pensamento valorativo. Não se recorreu em vão, mas por crença e por propagar uma fé. Deus é filosoficamente existente para os que creem nele, ou seja, para os não ateus, parte daí uma nova discussão não incluída neste caso, depois o Deus monoteísta é fruto original do cristianismo americano histórico, já relatado, e depois é pauta da externalização de uma política que leva consigo seu aparato cultural e formativo.

Considerações Finais

Diante de um cenário doméstico, de maioria cristã, é perceptível que os movimentos políticos, articulados pelo atual líder estadunidense, possuem um viés de cunho a favorecer a religião ao qual pertence, de modo a garantir uma base de apoio, pelos seus eleitores, e também pela base de deputados e senadores, que possuem direcionamentos semelhantes.

O tomador de decisão, deve visualizar o cenário interno e externo ao seu País e determinar a política plausível, que vise garantir benefício mútuo aos demais. Porém, percebe-se que esta prática tende a não ser seguida, já que em muitos casos, como os citados acima, a política por meio de leis e intervenções é feita a partir de direcionamentos tendenciosos e específicos, como os religiosos. De certo modo, ao se juntar a religião com a política, a tendência é que seja feito um direcionamento das decisões para os debates acerca deste tema.

Outro fator a ser destacado é a maneira em que o viés religioso, no cenário contemporâneo, contribui para o fortalecimento de movimentos conservadores, de direita, semelhantes mesmo em diferentes países, e consequentemente a aproximação dos mesmos em relações bilaterais, (RUIC, 2019). Vale destacar que este aspecto está fortemente enraizado ao sentimento conservador que os movimentos de direita tomam como correto, ao passo que, a religião seria a justificativa, ou o meio para que o Estado, neste caso, representado pelo tomador de decisão, mantenha políticas rígidas, principalmente se essas trouxerem um sentimento de mudança ao Estado.

Em um cenário onde a religião tem força suficiente para orientar as decisões políticas, ou são usadas para tais fins, é perceptível que essa característica também seja usada como um mecanismo diferenciador dentro e fora do Estado. Podemos exemplificar este entendimento ao analisarmos as constantes intervenções em países de religião muçulmana, onde, muitas vezes, é justificado pelo combate ao terrorismo, mas, possui um caráter discriminatório por conta da religião vivida em países árabes (BBC NEWS, 2018).

A formação cultural e identitária do tomador de decisão será crucial para entendimento deste momento político. A partir do curso estrutural, da base eleitoral até os órgãos superiores de representação, os caracteres individuais cercam o conjunto de tomadas de decisão. Não diferente daí, pois a política externa se dá pelas mesmas vias, é preciso verificar a possível estrutura social, as raízes

históricas do povo e dos representantes, ler o cenário de construção político/econômico e perceber que ela está amparada por uma possibilidade de escolha subjetiva e enviesada.

Trump, com os EUA, será não só seu próprio conjunto de entendimentos culturais, mas uma agenda histórica de formação política e social. O protestantismo, como voz da moral cristã e organograma de um sistema social, será vinculado a economia e ao modo de se erguer os projetos comerciais. São muitos os vínculos e os modos de se interligar a religião, enquanto motivação cultural da sociedade e dos indivíduos, ao fazer político e a intervenção pública externa. Se a política externa é do Estado, o Estado tem o povo e os seus representantes, enquanto membros ativos, o povo formado por indivíduos e suas particularidades e os tomadores de decisão retirados deste mesmo povo, não resta outro caminho a não ser ligar as particularidades dos indivíduos ao agir estatal na política externa. O Estado age conforme suas condições e conforme sua construção política.

Referências

ALMEIDA, Debora Rezende de. Pluralização da representação política e legitimidade democrática: lições das instituições participativas no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 20, p. 96-117, abr. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762014000100005-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2020.

AMOS, Owen. Estados Unidos: cómo funciona y quiénes forman el grupo de estudio de la biblia de la casa blanca. **BBC News**. Washington, 8 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-43689707>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ARIAS, Juan. O ódio de Trump contra a imprensa contagiou o Brasil. **El País**. Barcelona, 02 out. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/02/opinion/1569973404_426414.html. Acesso em: 11 out. 2019.

BALBINO, Michelle Matias. **A Influência Protestante na Formação dos EUA e sua Política Exterior**: da fundação ao destino manifesto. 2010. 28 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Uni-Bh, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/michelle-balbino-a-influc3aancia-protestante-na-formac3a7c3a3o-dos-eua-e-sua-polc3adtica-exterior_-da-fundac3a7c3a3o-ao-destino-manifesto.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

BBC NEWS (Brasil). **EUA, Reino Unido e França atacam Síria em retaliação a suposto uso de armas químicas por Assad**. BBC, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43762137#orb-banner>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CARDOSO, Joana Catarina Rego. **A inscrição religiosa na fundamentação da Política externa dos Estados Unidos da América:** Bush, Obama e as Relações Transatlânticas. [S.l.]: Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação). Faculdade de Letras. Universidade do Porto., 2016. 100 f. p. Disponível: <https://hdl.handle.net/10216/87519>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CAVIGLIA, Dolores. Qual é a religião de Trump? **O Globo**. 24 maio 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/qual-a-religiao-de-trump-21385557>. Acesso em: 19 jun. 2020.

COSTA, Priscila Borba da. O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: uma análise dos elementos delineadores do sentimento religioso voltado à expansão territorial. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., 2011, Jataí. **UFG**. PUC/GO, 2011. p. 2267-2276. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/224.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

DIP, Andrea; VIANA, Natália. Os pastores de Trump chegam a Brasília. **Especial Transnacionais da Fé**, Brasil, 12 ago 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/12/politica/1565621932_778084.html. Acesso em: 19 jun. 2020.

DUMÉNIL, Gérard; LEVY, Dominique. Neoliberalismo: neo-imperialismo. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, p. 1-19, Abril 2017. ISSN 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182007000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set 2020.

ECCLESIA BRASIL. **Cristianismo e Comunismo**. Buenos Aires: 2019. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cristianismo_e_comunismo.html. Acesso em: 16 dez 2019.

FONSECA, Carlos da. “Deus Está do Nosso Lado”: excepcionalismo e religião nos EUA. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 149-185, jun. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cint/v29n1/a05v29n1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FRAZÃO, Dilva. Donald Trump. **e-Biografia**, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/donald_trump/. Acesso em: 19 jun 2020.

IDAMIANO, Celso. Igreja Católica e o expansionismo moderno europeu. **Estado de Minas**. 23 mar. 2016. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2016/03/23/noticia-especial-enem,746448/o-cristianismo-e-a-expansao-europeia.shtml>. Acesso em: 20 set. 2020.

LOWY, Michael. Reflexões sobre o marxismo: Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, nov 1989. 05-22 p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000400002. Acesso em: 16 dez 2019.

MAGNOTTA, Fernanda Petená. **Porque as ideias importam:** a crença no excepcionalismo americano como guia de formulação das grandes estratégias dos estados unidos no alvorecer da superpotência. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Unesp-Unicamp-Puc/Sp, São Paulo, 2013.

Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93733/magnotta_fp_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 jun. 2020.

MELO, João Ozorio de. Religiosos dos EUA apoiam os republicanos por causa da Suprema Corte. **Consultor Jurídico**, 9 out. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-out-09/religiosos-eua-apoiam-republicanos-causa-suprema-corte>. Acesso em: 20 set. 2020.

NOLL, Mark A. CPAJ MACKENZIE. **O Protestantismo Norte-americano: Séculos 17 a 19**. São Paulo: 1992. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/o-protestantismo-norte-americano-seculos-17-a-19/>. Acesso em: 18 junho 2020.

ORTUNES, Leandro. Religião e o discurso político neoconservador. **Espaço Acadêmico**, v. 12, p. 82-89, Fevereiro 2013. ISSN 141. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/18976>. Acesso em: 20 set 2020.

PAQUIN, J.; MORIN, J.-F. **Foreign Policy Analysis: A Toolbox**. Quebec: Palgrave Macmillan, 2018. 376 p.

PASSARINHO, Nathalia. Por que igrejas evangélicas ganharam tanto peso na política da América Latina? Especialista aponta 5 fatores. **BBC NEWS**, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50462031>. Acesso em: 20 set. 2020.

PRESIDENT Donald J. Trump Proclaims January 16, 2018. **WHITE HOUSE**, 2018. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/president-donald-j-trump-proclaims-january-16-2018-religious-freedom-day/>. Acesso em: 18 out 2018.

RELIGIOUS LANDSCAPE STUDY. Pew Forum. **Pew Research Center**, 2020. Disponível em: <https://www.pewforum.org/religious-landscape-study/>. Acesso em: 19 junho 2020.

RUIC, G. As lições de Donald Trump para a política externa de Jair Bolsonaro. **Exame**, 06 dez 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/as-licoes-de-donald-trump-para-a-politica-externa-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 17 out 2019.

SILVA, Antonio Wardison C.; TEIXEIRA, César. Premissas do pensamento ético de Tomás de Aquino. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 5, p. 32-45, jan/jun 2011. ISSN 7. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/viewFile/7696/5634#:~:text=A%20%C3%A9tica%20constru%C3%ADda%20por%20Tom%C3%A1s,o%20especulativo%20e%20o%20pr%C3%A1tico>. Acesso em: 16 dez 2019.

SILVA, Igor Castellano da; PERES, Lorenzo de Aguiar. Religiosidade e Decisão Política: Problemas nas áreas de Política Externa e Gestão da Guerra. **CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan-jul 2013. 34 - 94. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/19032>. Acesso em: 18 junho 2020.

STEPHEN, L. Quackenbush; ZAGARE, Frank C. **Modern Deterrence Theory**: Research Trends, Policy Debates, and Methodological Controversies. Maio 2016. [S.l.]: [s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935307.001.0001/oxfordhb-9780199935307-e-39?rskey=YEWATM&result=4>. Acesso em: 15 dez 2019.

TRUMP, Donald. Donald Trump's Speech to AIPAC. [Discurso proferido na Conferência anual da AIPAC 2016]. **TIME USA, LLC**, 21 mar. 2016. Disponível em: <https://time.com/4267058/donald-trump-aipac-speech-transcript/>. Acesso em: 26 abril 2021.

U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE. **Table 77. Christian Church Adherents and Jewish Population - States: 2008**. Washington, DC: Census Bureau, 2015. Disponível em: https://www.census.gov/library/publications/2009/compendia/statab/129ed/population.html#par_list_10. Acesso em: 26 abril 2021.

VIRGINIA, University Of. Miller Center. **Miller Center**, 2019. Disponível em: <https://millercenter.org/about/who-we-are>. Acesso em: 19 nov 2019.

Recebido em: 01/07/2020

Aprovado em: 05/10/2020